

# Economista aponta fim da recessão

**São Paulo** - Na avaliação do economista-chefe do ING Barings para as Américas, Arturo Porzecanski, a recessão econômica no Brasil já chegou ao fim. Para ele, no segundo trimestre, haverá uma estabilização do Produto Interno Bruto (PIB) e nos dois seguintes, um crescimento que acabará por resultar numa queda do PIB entre 2% e 3% em 99. "Oficialmente, ainda trabalhamos com uma queda de 4% no PIB, mas já estamos revisando esta taxa diante dos sinais que estamos recebendo", disse o economista.

Hoje, segundo ele, o otimismo é justificado pela nova direção do

Banco Central, sob o comando de Armínio Fraga, da tendência de queda nas taxas básicas de juros e pela revisão do acordo fechado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Para ele, empresas não financeiras brasileiras em breve terão de volta linhas de crédito no exterior. Até julho, Porzecanski acredita que a rolagem de linhas de bancos estrangeiros poderá chegar a 120%, acima da meta do próprio presidente do BC, de 100%.

No médio prazo, no entanto, o economista do ING aponta diversos problemas. O principal deles é a ausência de uma política de desenvolvimento do Governo para

os próximos quatro anos. Ele se preocupa também com a continuidade do processo de votação das reformas estruturais, sobretudo a tributária.

As denúncias de existência de um esquema de propinas no Banco Central, divulgadas pela revista *Veja* desta semana, e a instalação de uma CPI do sistema financeiro, não devem atrapalhar a recuperação da confiança dos investidores estrangeiros no País. Para o economista-chefe do banco ING Barings para as Américas, a CPI pode trazer regras mais claras para o mercado e isso pode ser positivo. Ele alerta, no entanto, que o Congres-

so não pode parar em função dessas investigações.

Na avaliação do professor da Unicamp e ex-secretário de política econômica, Luiz Gonzaga Belluzzo, os novos fatos poderão ter um efeito "marginal", na medida em que se descubram denúncias mais graves. Para ele, os mercados emergentes, como o Brasil, não vão recuperar a mesma intensidade de entrada de capitais estrangeiros anterior à crise. "A economia mundial tem crescimento desigual", afirmou Belluzzo, que participa do seminário "Para onde vamos com a nova economia?", que está acontecendo em São Paulo.